



II Simpósio de Pesquisa do Ecosistema Ânima:
Juntos pelo Conhecimento: um novo saber cria um novo amanhã

**A IMAGINAÇÃO *QUEER* DA NATUREZA NO CINEMA BRASILEIRO RECENTE:
UMA ECOCRÍTICA**

Igor da Silva Ribas¹, Lourdes Abreu Gott Cunha², Rafaela Gonçalves de Souza³, Vinícius Gabrel Claudino⁴, Fernanda Giovanna do Couto Calixto⁵, Bruno Bernardes Lopes⁶, Dra. Ramayana Lira de Sousa (orientadora)⁷

RESUMO:

Tanto a “sexualização da natureza” quanto a “naturalização do sexo” se apresentam como problemas relevantes que uma abordagem ecocrítica pode ajudar a entender. No âmbito dos estudos do cinema, a ecocrítica procura analisar tanto as diferentes representações do meio ambiente quanto o significado social e político destas imagens no contexto dos problemas ambientais que enfrentamos no presente. Retomando o conceito “imaginação ambiental”, proposto por Lawrence Buell (1995), que toma forma em obras em que o mundo não humano não é mero pano de fundo para a ação humana, mas nos ajuda a situar a história humana dentro da história natural, a análise de filmes brasileiros recentes demonstra que a *queerness* de uma parte desse cinema complexifica a relação humano x natureza, desestabilizando oposições como civilização x barbárie, natureza x cultura e humano x não-humano.

INTRODUÇÃO:

¹ UniSul, igor.ribas@unisul.br.

² UNA, lourdesgott@gmail.com.

³ USJT, rafagsouza112@gmail.com.

⁴ UNA, contatofockiss@gmail.com

⁵ UniSul, fernanda000calixto@gmail.com.

⁶ UniSul, brunobl2@outlook.com.

⁷ UniSul, ramayana.sousa@animaeducacao.com.br.



Este projeto deu continuidade à pesquisa anteriormente contemplada pelo Pró-Ciência em 2022.2. Se, no projeto anterior, nos interessava identificar a imaginação ambiental expressa em filmes de curta-metragem brasileiros recentes, em especial a resposta dessas obras à ideia de fim do mundo, neste segundo momento queremos aproximar a ecocrítica cinematográfica dos estudos *queer*. Isso porque, nos filmes anteriormente estudados o desejo e a sexualidade dos personagens parecem atuar diretamente no modo como a natureza é apresentada.

PALAVRAS-CHAVE:

Cinema queer; Imaginação ambiental; Cinema brasileiro

MÉTODO:

Para muitos espectadores, o cinema é um meio enganosamente transparente, criando a ilusão de um acesso imediato e objetivo à realidade. Isso, em parte, se deve a um certo hábito cultural, iniciado pela invenção da perspectiva linear, de ver as imagens como tendo uma relação indicial com a realidade, uma relação criada pela mecânica do aparato (agora digital) que parece simplesmente “capturar” eventos, congelando-os no tempo, sem moldá-los. As representações da natureza, sejam linguísticas ou imagéticas, criam um modelo de realidade que molda nossos discursos e molda nossas atitudes culturais em relação ao ambiente natural (OPPERMANN, 2006). Na esteira de Dieison Marconi, (2020, p. 144) procuramos não “reduzir a política de um filme às políticas de representação que são, em última instância, sustentadas por uma estética de verossimilhança; ou, ainda, pelo pressuposto de que as imagens são espelhos da realidade vivida e que, portanto, os cinemas brasileiros só podem ser políticos quando se limitam a (re) apresentar as desigualdades sociais ou (re) elaborar a revisão de fatos históricos em tons de indignação e revolta.” Embora a câmera promova uma maior ilusão de objetividade e realismo, nada é mais ideologicamente predeterminado do que o chamado estilo invisível do cinema que se esforça para esconder natureza estruturada das imagens. É necessário, pois, levar em consideração o aspecto propriamente audiovisual das obras. Nesse sentido, os critérios de análise do filme são os sugeridos por David Bordwell, e Kirstin Thompson em *A arte do cinema: uma introdução* (2013), a saber, narrativa, cinematografia, som, edição e mise-en-scene. São parâmetros que permitem investigar a especificidade do discurso cinematográfico, sem cair na armadilha de reduzir o estudo



do cinema à sua narratividade e salientando a consciência da tensão entre transparência e opacidade que caracteriza a linguagem audiovisual. No percurso da pesquisa, a análise fílmica procurou apontar questões ambientais e os desdobramentos políticos que cada obra sugere, ou seja, observar como as representações fílmicas posicionam a natureza e o meio ambiente, como estes são enquadrados pela lente da câmera ou moldados pelo processo de edição. E, ainda, como, nas imagens e nos sons, o desejo e a sexualidade *queer* mobilizam esses elementos estéticos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Como afirmam Catriona Mortimer-Sandilands e Bruce Erickson (2010, p. 5), existe uma relação contínua entre sexo e natureza que se manifesta institucional, discursiva, científica, espacial, política, poeticamente e eticamente, e é nossa tarefa interrogar essa relação a fim de chegar a uma compreensão sexual e ambiental mais nuançada e efetiva. Os autores argumentam que um importante ponto de conversa entre a política *queer* e ecológica é a forma com que discursos sobre sexo e natureza eles estão ligados, de fato, por meio de uma narrativa fortemente evolutiva que opõe o perverso, o poluído e o degenerado ao apto, ao saudável e ao natural (2010, p. 2-3). Com isso, podemos dizer que diferentes tipos de espaços naturais também passam a ser revestidos de significados sexuais: as áreas “selvagens”, por exemplo, podem ser vistas como fortemente heterossexualizadas (basta lembrar da herança simbólica da masculinidade hétero do *cowboy*) e os espaços naturais urbanos são organizados por ideais e práticas sexuais específicas (e, geralmente *queer*, como na figuração das “pegações” em parques).

Os filmes analisados não tinham, necessariamente uma “temática ambiental”, o que obrigou o gesto crítico a traçar uma constelação de obras que, ao problematizar a relação do humano com a natureza e ao ativar imagens que sugerem ou repelem um impulso escatológico, são centradas em subjetividades *queer*. Observou-se certos filmes preferem uma aproximação fascinada (*Seguindo todos os protocolos* [Fabio Leal, 2021], *Iceberg* [Will Domingos, 2021]) e outros rejeitam a ideia de fim do mundo ou da ideia do fim do mundo como espaço habitável (*Mães do Derick* [Dê Kelm, 2020] e *Lembrar daquilo que esqueci* [Castiel Vitorino Brasileiro, 2020]). Em relação à análise é possível ver uma variação entre filmes que investem na opacidade da linguagem cinematográfica na criação da imaginação *queer* ambiental, enquanto outros abrem-se para o real. Essas obras, ao



problematizarem as intersecções entre meio ambiente, raça e dissidências de gênero e de sexualidade, permitem um amplo espectro de questionamentos que dão contornos mais nítidos à imaginação *queer* ambiental, especialmente ao verificarmos que a subjetividade *queer* aparece como um elemento aguçador da alteridade monstruosa que a natureza parece ter.

CONCLUSÕES:

Cada obra foi considerada ao mesmo tempo em si e em conjunto com as outras. Um primeiro passo, o corpo a corpo com cada filme, teve como mediação as ferramentas analíticas acima arroladas, com base em Bordwell, e Thompson (2013). Em seguida, os filmes foram colocados lado a lado, o que permite ver padrões e desvios. Nesse sentido, o *corpus* permite vislumbrar uma certa política *queer* emergente, onde a dissidência de gênero e de sexualidade apontam para o borramento de limites fundamentais para a sociedade ocidental, como como civilização x barbárie, natureza x cultura e humano x não-humano. A ecocrítica pode ressaltar nesses filmes uma tendência para a valorização de subjetividades que transitam nesses limiares, de forma monstruosa, apontando para a necessidade de repensar exatamente esses liames e sua lógica de separação.

REFERÊNCIAS:

- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema**: uma introdução. Campinas: Editora Unicamp/Edusp, 2013
- BUELL, Lawrence. **The Environmental Imagination**: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1995.
- CUBITT, Sean. **EcoMedia**. Amsterdam, New York: Rodopi, 2005.
- IVAKHIV, Adrian J.. **Ecologies of the Moving Image**: Cinema, Affect, Nature. Waterloo: Wilfrid Laurier Univ. Press, 2013.
- MARCONI, Dieison. Cinema queer brasileiro ou as veias abertas da política da imagem. **REBECA** - Revista Brasileira de Estudos em Cinema e Audiovisual, v. 9, n. 2, p. 141-167, jul./dez. 2020
- MARSHALL, Bill. Contextualisation, part 1: Queer cinema and the global. **IT**, Pretoria, n. 32, p. 1-8, 2018.
- MORTIMER-SANDILANDS; C.; ERICKSON, B. orgs. **Queer ecologies**: sex, nature, politics, desire. Bloomington: Indiana UP, 2010.
- OPPERMANN, Serpil. Theorizing Ecocriticism: toward a postmodern ecocritical practice. **Interdisciplinary Studies In Literature And Environment**, [s. l.], v. 1, n. 13, p. 103-128, Summer 2006.



PICK, Anat; NARRAWAY, Guinevere. **Screening nature: Cinema beyond the human.** New York: Berghahn Books, 2013.

SCHOONOVER, Karl; GALT, Rosalind. Os mundos do cinema queer : da estética ao ativismo. **ArtCultura**, v. 17, n. 30, 2015. pp. 97-107

FOMENTO

O trabalho contou com auxílio do Instituto Ânima, através de bolsa de pesquisa para a orientadora.